



# Conflitos e Convergências da Geografia 2

---

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira**  
(Organizador)

# **Conflitos e Convergências da Geografia 2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Conflitos e convergências da geografia 2 [recurso eletrônico] /  
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa  
(PR): Atena Editora, 2019. – (Conflitos e Convergências da  
Geografia; v. 2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-333-0  
DOI 10.22533/at.ed.330191504

1. Geografia – Pesquisa – Brasil. 2. Geografia urbana. I. Ferreira,  
Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.

CDD 910.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Nesse segundo volume da Coletânea – “Conflitos e Convergências da Geografia”, publicado pela Atena Editora, realçamos o compromisso inalienável para um debate plural e democrático a partir de diferentes análises geográficas centradas no Brasil. Trata-se de vinte e quatro contribuições oriundas de quinze estados brasileiros, os quais estão vinculados à vinte e uma instituição de ensino, pesquisa, extensão e inovação. No decorrer desse volume as reflexões propostas pelos autores retratam um panorama sobre Geografia Urbana e sua relação e interação com os Estudos Ambientais, Geotecnologias e Cartografia e as possibilidades de inclusão enfatizando o Ensino de Geografia.

Nesse contexto, as discussões e proposições sobre a urbanização, planejamento e normatização do território, segregação socioespacial, uso do espaço público, segurança e insegurança pública, desigualdades sociais, vulnerabilidade socioambiental, mobilidade urbana, acidentes de trânsito, mercado imobiliário, inundações e dinâmica fluvial, permitem inferir a relevância das pesquisas e seus desdobramentos para compreensão de diferentes realidades que convergem ao refletirmos sobre os desafios atuais do planejamento urbano e ambiental no país, cujo direito à moradia digna e a cidade são violados cotidianamente.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos que desvendem os caminhos e descaminhos para compreender a realidade brasileira e sua indissociável conexão no bojo da mundialização.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
Montes Claros-MG  
Outono de 2019

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO E A NORMATIZAÇÃO DO TERRITÓRIO NO RIO GRANDE DO NORTE	
Matheus Lucena de Macedo Guedes Celso Donizete Locatell	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
OS ESPAÇO OPACOS CAICOENSES: DISCUTINDO A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL DO BAIRRO NOVA CAICÓ	
Iapony Rodrigues Galvão Djalma Amâncio da Silva Neto Lucas Henrique Lima Alves Ricardo Araújo de Lemos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
CONDOMÍNIOS CLUBE EM TERESINA/PIAUÍ: PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO E (DES) TERRITORIALIZAÇÃO DA CIDADE	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Edileia Barbosa Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
AS MULTITERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA-CAMPINA GRANDE- E SUAS INFLUÊNCIAS NO DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO	
Leticia Barbosa Bomfim Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
TERRITÓRIOS DO MEDO: UMA ANÁLISE SOBRE A SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPINA GRANDE	
Pedro de Farias Leite e Silva Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO COMERCIAL DE SUMÉ-PB DIANTE DO ATUAL CONTEXTO LOCAL/REGIONAL	
Gustavo dos Santos Costa Lincoln da Silva Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3301915046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DO CADASTRO TERRITORIAL MULTIFINALITÁRIO PARA CIDADE DE SOBRAL-CE	
José Antônio Alves Lino	

**DOI 10.22533/at.ed.3301915047**

**CAPÍTULO 8 ..... 75**

VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL À DENGUE NO RECIFE – PE

Caio Américo Pereira de Almeida  
Rafael Silva dos Anjos  
Henrique dos Santos Ferreira  
Ranyére Silva Nóbrega

**DOI 10.22533/at.ed.3301915048**

**CAPÍTULO 9 ..... 83**

A IMPOSSIBILIDADE DA OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA COMO UM INSTRUMENTO DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO DA OUC-ACLO REALIZADA PELA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

Pablo Maia Barbosa  
Linda Clara Oliveira Pontes

**DOI 10.22533/at.ed.3301915049**

**CAPÍTULO 10 ..... 92**

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DIANTE DO LIMITE ESTRUTURAL DO CAPITAL: RENDA DA TERRA URBANA, AMBIENTE CONSTRUÍDO E DESSUBSTANCIALIZAÇÃO DO CAPITAL

Thiago Teixeira da Cunha Coelho

**DOI 10.22533/at.ed.33019150410**

**CAPÍTULO 11 ..... 105**

O BRT COMO UMA ALTERNATIVA PARA A MOBILIDADE URBANA: O CASO BOGOTÁ E DO RIO DE JANEIRO

Ricardo Maia de Almeida Junior  
Renato Paiva Rega  
Saullo Diniz dos Santos Macedo  
Felipe da Rocha Santos

**DOI 10.22533/at.ed.33019150411**

**CAPÍTULO 12 ..... 115**

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE – ÁFRICA

Ester Tomás Natal Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.33019150412**

**CAPÍTULO 13 ..... 127**

A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NA CIDADE DE JARAGUÁ DO SUL-SC NO PERÍODO DE 2012 À 2015

José Roberto Machado  
Larissa dos Santos  
Pamela Aline Gorges

**DOI 10.22533/at.ed.33019150413**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA: OS MOTIVOS DA SUA PROCURA SEGUNDO SEUS USUÁRIOS	
José Roberto Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A DENSIDADE DA ARBORIZAÇÃO NO CENTRO DE PONTA GROSSA – PR	
Sandra Stocker Kremer Tadenuma Silvia Meri Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
ESPAÇO, TERRITÓRIO E LAZER: UM ESTUDO SOBRE A LAGOA MAIOR EM TRÊS LAGOAS/MS	
Matheus Guimarães Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO EM UMA CIDADE MÉDIA: ANÁLISE DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA-PMCMV EM DOURADOS-MS	
Lidiane Cristina Lopes Garcia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
NOVAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM MACAPÁ-AMAPÁ	
Eliane Aparecida Cabral da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
ESCOLAS SITIADAS E NOVO URBANISMO MILITAR: UM OLHAR SOBRE MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS NO SUDESTE GOIANO	
Raul Castro Brandão Estevane De Paula Pontes Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>202</b>
OS EVENTOS DE INUNDAÇÕES NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITABAPOANA – RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Yago de Souza Verling Vinicius de Amorim Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150420</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>215</b>
ABORDAGENS SOBRE A DINÂMICA FLUVIAL E DE SEDIMENTOS DO RIO TABOCO EM MATO GROSSO DO SUL	
Rennan Villhena Pirajá	
Diego da Silva Borges	
Mauro Henrique Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
GEOTECNOLOGIAS E MAPAS ONLINE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS SOBRE NOVAS POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICAS	
José Alves de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
O USO DA CARTOGRAFIA TÁTIL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA OS DEFICIENTES VISUAIS	
Mateus Gouveia Alves	
Divino José Lemes de Oliveira	
Silvaci Gonçalves Santiano Rodrigues	
Heider Danilo de Oliveira	
Bruno Nascimento Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150422</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>246</b>
O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI) E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA. UM ENSAIO	
Dayane Caroline Gomes da Silva Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33019150424</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>256</b>

## AS MULTITERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA-CAMPINA GRANDE- E SUAS INFLUÊNCIAS NO DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO

**Leticia Barbosa Bomfim**

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande- Paraíba

**Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior**

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande- Paraíba

**RESUMO:** As praças, ponto central da pesquisa em questão, se constituem como um dos objetos mais importantes para se entender as relações entre os diversos segmentos sociais. A importância de uma praça na cidade é justificada pela necessidade de espaços públicos de lazer em que as pessoas tenham como referência para estabelecerem vínculos, no entanto, atualmente constituem-se como ambiente cada vez mais privativo, devido as diferentes funções que exercem. A presente pesquisa pauta-se na perspectiva que a crise do espaço público está diretamente relacionada com a crise de sociabilidade urbana e a sua consequência para a sensação de segurança na cidade, possuindo como recorte espacial a Praça da Bandeira, no centro de Campina Grande. Em vista disso, percebemos que a existência do comércio passa a territorializar o espaço e a modificar as relações no local. A substituição das atividades historicamente relacionadas ao lugar por outras, significa que este ambiente ainda exerce algum tipo de função no meio social. As frequentes

campanhas e mobilizações populares nessa praça são exemplo de ocupações que ocorrem no presente espaço público, caracterizando-o ainda como um local representativo para a população expressar um elo de comunicação. Com as análises feita em *locus* foi percebido que, apesar da presença de usuários, a praça é mais utilizada como um espaço de transição entre as ruas de comércio e serviço do centro da cidade, mas o seu uso diverso mostra que quando convidadas a permanecerem as pessoas ainda possuem segurança de estarem no espaço público.

**PALAVRAS-CHAVES:** Territorialidade; Espaço Público; Campina Grande.

**ABSTRACT:** The squares, central point of the research in question, constitute one of the most important objects to understand the relations between the different social segments. The importance of a square in the city is justified by the need of public spaces of leisure in which the people have as reference to establish bonds, nevertheless, nowadays they are constituted like environment more and more privative, due to the different functions that exercise. The present research is based on the perspective that the crisis of public space is directly related to the crisis of urban sociability and its consequence for the feeling of security in the city, having as space cutout the Praça da

Bandeira in the center of the city of Campina Grande. In view thereof we realize that the existence of trade starts to territorialize space and to modify relations in place. The substitution of activities historically related to the place by others, means that this environment still exerts some type of function in the social environment, the frequent campaigns and social mobilizations in this place are an example of occupations that occur in the present public space, characterizing it still as a representative place for the population to express a communication link. With the analysis done locus it was noticed that, despite the presence of users, the square is more used as a space of transition between the streets of commerce and service of the city center, but its diverse use shows that when invited to remain the people still have the security of being in the public space.

**KEYWORDS:** Territoriality; Public Space; Campina Grande.

## 1 | INTRODUÇÃO

As praças se constituem como um dos objetos mais importantes para se entender as relações entre os diversos segmentos sociais. Se caracterizam como ambiente dos contrastes, através dos quais as pessoas expressam suas identidades e práticas, mas também são igualmente influenciadas por identidades e práticas de outros indivíduos. Rita de Sá Carneiro (2010) afirma que cidades sem espaços que preservem a memória do local, são cidades sem significados. A praça em estudo localiza-se no centro da cidade de Campina Grande e faz parte da cultura e história do povo campinense, além de ser tombada como patrimônio histórico e está inserida na área de preservação do Centro Histórico de Campina Grande (Decreto Estadual N° 25.139/2009).

A importância de uma praça na cidade é justificada pela necessidade de espaços públicos de lazer em que as pessoas possam ter como referência para estabelecerem vínculos sociais. No entanto, na prática, caracteriza-se como um local de usos múltiplos, sendo cada vez mais privativo, devido as diferentes funções que exerce. Caracteriza-se como espaço coletivo de uso público ou privado a depender de sua função e natureza. Esta caracterização se evidencia bem na Praça da Bandeira, cuja centralidade permite a coexistência de práticas de apropriação e de múltiplos usos, sendo um *locus* de importantes práticas socioterritoriais e objeto de intencionalidades de diferentes sujeitos sociais. O poder municipal se destaca como principal transformador da estrutura e forma espacial, reproduzindo um debate sobre a identificação do limite tênue entre sua caracterização como espaço público e sua apropriação como ambiente privado. Tais mudanças vêm se evidenciando de forma mais contundente nos últimos anos.

O espaço público enquanto lugar de diálogo e debate, perdeu a importância, ou ainda, foi transformado num espaço cada vez mais particularizado e menos coletivo. (HABERMAS, 1984)

O espaço em questão, apesar da ideia de preservação histórica estabelecida, é vítima de inúmeras mudanças que ocorreram no centro da cidade ao longo da construção da sua imagem no século XX. No início desse século a cidade já exercia forte influência nas cidades e estados vizinhos chegando a ser a maior produtora do mercado algodoeiro do Brasil e a terceira do mundo. No entanto, o título de capital do Nordeste não condizia com a estética do centro da cidade, pois não possuía “um ar de cidade moderna”.

Seguindo esse pressuposto, em 1933 surgiu o plano municipal de remodelação, extensão e embelezamento – primeiro plano para mudança na urbanização da cidade – elaborado pelo famoso urbanista regional Nestor Figueiredo. Os principais objetivos era transformar Campina em uma cidade moderna, atrair turistas e aumentar o ritmo da cidade. O maior foco do plano de urbanização foi tornar a cidade higienizada e agradável, sendo assim setorizou a cidade, determinando que as áreas centrais seriam lugares para comerciantes e para a elite, já que é uma área mais valorizada, e os subúrbios lugar dos pobres e trabalhadores.

Feiúras, insalubres, imoralidades e pobreza eram toleradas em subúrbio, não no centro de uma cidade como a nossa. (Jornal Brasil Novo, 1931)

Foi durante os mandatos do prefeito Vergniaud Warderley (1936-1937, 1940-1945) que Campina Grande presenciou as maiores mudanças em seu eixo central. Em 1936 houve o início da retificação da avenida Floriano Peixoto, início do alinhamento da Rua Maciel Pinheiro, desaparecimento da praça Epitácio Pessoa, retirada dos antigos largos da matriz e do comércio velho. A partir da década de 1930 ocorreu a renovação do conjunto arquitetônico tendo como objetivo homogeneizar as vizinhanças nas áreas abastadas de expansão da cidade e livrar o centro das construções antigas, simples e térreas, seguindo o decreto implementado em janeiro de 1935 que determina que as construções e reconstruções no centro da cidade só seriam permitidas se tivessem mais de um pavimento (Jornal local O Rebate).

Ocorreu também a derrubada dos prédios ao redor do Grande Hotel e da Igreja Matriz permanecendo apenas o edifício do telégrafo (atual museu histórico da cidade, um dos únicos prédios do século XIX em Campina Grande). Para tal reforma foi desapropriada mais de uma centena de casebres, casarões, armazéns, igreja e tudo o que estivesse no caminho. A demolição da igreja do Rosário acabou com o largo que ficava em frente. Logo depois houve a construção do espaço de lazer e descanso Praça Índios Carirys, posteriormente denominado Praça da Bandeira. Ao final dessas obras, nos trechos onde antes eram vistos dois largos em torno de uma igreja (território de sociabilidade tradicional) tinha-se agora uma longa e larga avenida, com duas praças e um cinema, alguns cafés e confeitarias, uma praça de automóveis e diversos edifícios municipais e estaduais.

Em vista dessas mudanças ocorridas no centro, a Praça da Bandeira abrigou

diferentes práticas socioespaciais e um público com interesses distintos. A alteração do estilo arquitetônico e da urbanização também modificou os usos e apropriação do local, como também as sensações produzidas pelo espaço em seus usuários. A praça da Bandeira foi fundada em 1942 já como palco de grandes movimentos e acontecimentos sociais, disputas de partidos políticos, visita de figuras ilustres no cenário nacional, manifestações populares, encontros cívicos e pessoais. Em 1958 houve a inauguração da estátua do Presidente Juscelino Kubitschek e a visita do então presidente na cidade. Devido a estes acontecimentos e maior atenção destinada a Praça da Bandeira a praça Clementino Procópio, localizada logo em frente, apesar de fundada e urbanizada no mesmo período passou a ser mais esquecida pela população ao tempo em que a praça da Bandeira a contar com mais equipamentos (bancas de jornais e revistas, lotérica e cafés), além de ser amplamente utilizada como local de acessibilidade a outros locais.

## **OBJETIVO**

O objetivo geral da presente pesquisa é identificar as multiterritorialidades na praça da bandeira e adequá-la a uma definição de espaço público. Para alcançar esse pressuposto foi utilizado um referencial teórico que ajudasse a compreender o que ocorre na praça, corroborando para determinar o processo de descaracterização dentro do espaço público ao longo das décadas.

## **METODOLOGIA**

O texto corresponde à apresentação dos resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica desenvolvida com financiamento do CNPq, a qual tem por método a abordagem qualitativa pautada na análise de discurso. Foram utilizados levantamentos históricos, imagens, entrevistas e análises da vida cotidiana na Praça da Bandeira, e em termos de procedimentos adotados optamos pela observação participante, utilizando anotações em diário de campo de maneira objetiva e subjetiva para auxiliar o estudo da vivência do cotidiano na praça. A análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) utilizada é pautada na proposta de Bauer e Gaskell (2002), emergindo como procedimento técnico-científico de identificação metodológica de formação socioespacial. Entre as técnicas que auxiliam a pesquisa qualitativa recorreu-se as entrevistas semiestruturadas como principal procedimento para compreender o objeto em estudo. De acordo com Minayo (2005), esta técnica possibilita uma maior adequação à realidade do sujeito que está sendo pesquisado.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

A convivência e o estabelecimento de vínculos são características intrínsecas a

um espaço público, na qual os indivíduos estabelecem identidades reais ou simbólicas com o mesmo. Quanto a isso os laços estabelecidos na Praça da Bandeira são frágeis. Cada vez mais o espaço se torna um local de passagem e menos de permanência, caracterizando como um não lugar (AUGÉ,1994). A partir das análises fotográficas realizadas durante duas visitas em três momentos distintos (manhã, tarde e noite) observou-se que os usuários que usavam os bancos e mesas da praça eram pessoas de mais idade, predominantemente homens.

Santos e Silveira (2001) consideram que para a análise do território deve-se levar em conta, primeiramente, dois fatores: a matéria fixa e a matéria móvel. Desse modo, foi visto no ambiente em estudo os elementos permanentes e os fluxos existentes. Tal análise nos ajudou a compreender a Praça da Bandeira como um espaço de diferentes apropriações e de uso diverso dependendo diretamente do horário, dia e eventos que ocorrem no seu interior.

No entanto, esse mesmo uso diverso que os equipamentos fixos na praça permitem é também o mesmo responsável por ocupação localizada, sendo mais restrita às bordas e contorno imediato das bancas de comércio deixando uma parte isolada da ocupação, tornando-a vazia, e em muitos horários de fluxo baixo, insegura.

Ainda de acordo com Milton Santos e Maria Laura (2001) os lugares são vistos como a combinação entre ações presentes e ações passadas, em que o presente resgata a memória histórica do que preexiste. No caso da Praça da Bandeira, como foi mencionado no tópico anterior, é um espaço público tombado pelo IPHAEP, existente como largo da Igreja do Rosário, desde o início da fundação da cidade. Segundo dados do Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, em 1864 a cidade possuía 300 casas, quatro ruas e quatro largos, constituídos por: Largo da Matriz, do Mercado Velho, do Mercado Novo e Largo do Rosário. A utilização do espaço se restringia mais ao uso religioso, em que as pessoas utilizam o lugar após os eventos da igreja, também para procissões, quermesses e outras atividades tradicionais.

Ao longo das transformações ocorridas no ambiente urbano e alteração da dinâmica do entorno, o largo virou praça, o que antes era ambiente de ocupação tradicional tornou espaço de descanso da intensa vida comercial, sendo sua ocupação dependente ao tempo do relógio, com horários de uso e de não uso. As mudanças ocorridas no espaço refletiam os ideais das administrações que estavam no poder e interferiam no espaço sem o menor apego ao patrimônio. Hoje, a praça que é tombada como histórica não reflete o que existia e muitos campinenses que a utilizam hoje a entendem como um espaço moderno e não vinculada a história e memória coletiva.

Outro ponto em análise foi a economia política no território (SANTOS; SILVEIRA, 2001). Os autores entendem que o espaço é resultado das influências econômicas somadas as intervenções sociais. Dessa maneira, os objetos tendem a exercer certas funções e os respectivos processos são incorporados ao papel regulador de empresas e instituições, chegando a conclusão de que cada lugar deve levar em conta as dinâmicas presentes, variando com menor e maior frequência de acordo com as

influências externas.

Portanto, devido as constantes mudanças no mercado global os espaços atuais sofrem contínua necessidade de alterações, para assim se readaptarem ao mercado e ao seu entorno. Nessa perspectiva, cria-se uma permanente produção de desordem no território, em que cada desordem precedente é diferente da desordem seguinte (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Colando essas observações na análise da Praça da Bandeira verifica-se que as demandas externas alteraram o lugar e sua dinâmica, e as sucessivas mudanças manifestam uma verdadeira crise de identidade nesse espaço público. A alteração, na década de 1940, do uso residencial para o comercial foi uma das primeiras grandes crises identitárias, em que alterou quem usava e como usava o espaço público. A inserção do comércio dentro da praça normatizou ainda mais a vitalidade dentro do ambiente, sendo mais intenso com o seu funcionamento e fraco quando desativado, tornando-o vazio nos horários de fluxo baixo e provocando o aumento da sensação de insegurança dos passantes, não sendo convidados a permanecerem no espaço.

Nas visitas em *locus* foi percebida a influência das atividades privadas para a atividade no espaço público. Em um dia de semana típico, sem eventos na praça, os usuários estabeleciam conversas em grupos ou estavam nas mesas de xadrez ora conversando ora jogando, ocorrendo mais predominantemente na parte direita da praça e logo em frente a parte coberta em que há o café, lotérica e loja de eletrônicos (figura 1). Pela tarde o horário escolhido foi entre as 12-13 horas, por ser momento em que os alunos do Colégio Imaculada Damas estão de saída, localizado logo em frente à praça, para assim vê se esses apropriavam-se do espaço público. Foi percebido que alguns desses estudantes ocupavam a borda da praça esperando o responsável para os buscarem. Outros, sentavam-se nos bancos próximos as mesas de xadrez em alguns pequenos grupos, mas a predominância era de adolescentes na calçada da própria instituição sem utilizarem o espaço verde urbano em questão.



Figura 1: Croqui da Praça da Bandeira

Fonte: Souto (2017)

No período da noite, com exceção das bancas de revista, os comércios encontram-se fechados, sendo a movimentação predominante nas bordas da praça no lado direito devido a presença de *food-trucks* que colocam mesas em frente aos seus *trailers*, utilizando o ambiente em estudo. A partir do registro fotográfico e das análises feitas até o momento, a sensação de segurança é maior nessa parte da praça, já o seu interior encontrava-se vazio ou com frequência de tribos de jovens que poderiam estar intimidando outras pessoas a usarem o local. Foi percebido, também, que nesse horário o número de indivíduos que para atravessarem a rua utilizavam a borda da praça ao invés do meio era relativamente maior, o que foi o contrário do percebido nos outros dois turnos.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que a Praça da Bandeira no centro de Campina Grande, possui sua ocupação diretamente relacionado ao comércio em seu entorno, e devido a esse adensamento comercial, a lógica capitalista também adentrou dentro do espaço. Quando palco de feiras, oficinas, manifestações e movimentos políticos, as pessoas são convidadas a permanecerem no local e são atraídas para o espaço que possui aparência totalmente diferente em sua borda ocupada e seu interior desocupado (figura 2).

Em dia típico, o uso é concentrado pelo comércio em sua borda e utilização das poucas mesas de xadrez, concentradas em frente ao comércio (figura 3). A falta de diversidade de mobiliário tende a concentrar o uso para próximo do território comercial, as bancas de revistas bloqueiam a visão do usuário de dentro da praça para a rua do entorno impedindo, em alguns pontos, o contato visual entre os usuários da praça e os estudantes que estão do outro lado da rua no Colégio Damas.



Figura 2: Ocupação em dia atípico

Fonte: BOMFIM, 2018



Figura 3: Ocupação em dia típico

Fonte: BOMFIM, 2018

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o espaço público em análise é um importante ambiente urbano da cidade de Campina Grande e a gestão municipal deveria buscar resgatar o caráter histórico e público da praça. É imprescindível compreender que a utilização da Praça da Bandeira está diretamente associada à sociabilidade, acessibilidade e visibilidade do espaço; os territórios que foram criados dentro do ambiente que deveria ser de todos e para todos desvinculam a praça do caráter público. No entanto, é válido considerar que mesmo tendo essa crise esse espaço público não deixa de existir e ainda continua como um importante espaço de representação na cidade de Campina Grande; a substituição das atividades historicamente relacionadas ao local por outras significa que ele ainda exerce algum tipo de função no meio social.

Entender a importância histórica de um espaço público e incorporá-lo como algo importante na malha urbana é uma real necessidade no centro histórico de Campina Grande, que encontra-se hoje tombado, mas não preservando de fato o que já foi um dia. Seguindo esse pressuposto, em vez de apenas ruas movimentadas e amplas avenidas asfaltadas, poderíamos usufruir de espaços de permanências que despertassem a sensação de segurança, afetividade, emoção e identidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. L. COSTA, N. M. D. FILHO, V. B. **Espaços públicos e qualidade de vida: Uma avaliação das circunstâncias dos espaços verdes urbanos em Uberlândia.** Editora Assis, Uberlândia, 2017.

ANDRADE, J. B. F. **Mitologias do progresso na construção de uma grande Campina (1920-1940).** Tese de doutorado em História, 2014. UFPE, Recife- PE, 2014.

AUGÉ, M. **Não Lugares.** Papirus Editora, Campinas, 1994.

GASKELL, G. **Entrevistas Individuais e Grupais.** In: Bauer, M. W. e Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.** Trad. Guareschi, P. A. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Pg. 64-89

LOBODA, C. R. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava- PR.** 2008.

Tese (Programa de Pós- graduação em Geografia/ Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP). Presidente Prudente: UNESP,2008.

MASSEY,D. **Um sentido global do espaço**. Papirus Editora, Campinas, 2008.

OLIVEIRA, M. J. S. **Do discurso dos planos ao plano discurso: PDLI- Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande 1970-1976**. Dissertação de mestrado.2005. UFPE, Recife-PE,2005.

QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação de mestrado. 2008. USP, São Carlos- SP,2008.

SÁ CARNEIRO, A.R. **Parque e paisagem: um olhar sobre o Recife**. Recife: Ed. universitária da UFPE, 2010.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **Território e Sociedade no início do século 21**. Rio de Janeiro: Record, 2001a, 473 p.

SOUTO, C. E. S. **O processo de (des) apropriação das praças da Bandeira e Clementino Procópio em Campina Grande- Pb (1942-2010)**. Trabalho de conclusão de curso. 2017. UFCG, Campina Grande- PB,2017.

SOUZA, F. G. R. B. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande- 1920-1945**. Tese de Doutorado em História. 2001.Unicamp, Campinas-SP,2001.

SOUZA, M.L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Bertrand Brasil, edição 3. 2013

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

### **Gustavo Henrique Cepolini Ferreira**

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC -Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia -UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), entre outras publicações.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-333-0

